

1 Brincadeiras e brincadeirasinhas: uma experiência de formação de professores pelo Brasil

Berenice de Almeida

Escola Municipal de Iniciação Artística de São Paulo (EMIA) e Projeto Brincadeiras Musicais da Palavra Cantada
beremusica@gmail.com

Gabriel Levy

Faculdade Cantareira
gabriellevy@gmail.com



Resumo: A importância do brincar na educação em geral e, mais especificamente, na educação musical, tem sido um tema importante e cada vez mais frequente em estudos e pesquisas. Considerando a brincadeira, por si só, um grande valor a ser resgatado e preservado na infância, os autores também apontam para a possibilidade da brincadeira como disparador de outros trabalhos musicais. Apresentam três brincadeiras com copos e algumas das inúmeras possibilidades de ampliação das mesmas: variações das brincadeiras, exploração sonora, ampliação do repertório utilizado e consciência de elementos musicais. Ao final, tecem algumas reflexões sobre o momento atual da educação musical brasileira, a partir da experiência de implantação do projeto em diversas redes públicas de ensino.

Palavras-chave: brincadeiras cantadas; formação de professores; educação musical.

Children's games and little children's games: an experience of training teachers all over Brazil

Abstract: *The importance of children's playing education in general and, more specifically, in the musical education has been a frequent and important research subject. Considering the act of playing as a great value itself to be rescued and preserved during childhood, the authors also point to the possibility to triggering other musical practices. In this article, the authors present three cups games and many ways to extend them: doing variations, exploring different sounds, expanding the repertory, and getting aware about the musical elements. At the end of the article, the authors offer some reflections about the recent moment of musical education in Brazil since the beginning of the project implemented in many public schools.*

Keywords: *singing games; training teachers; musical education.*

ALMEIDA, Berenice de; LEVY Gabriel. Brincadeiras e brincadeirasinhas: uma experiência de formação de professores pelo Brasil. **Música na Educação Básica**. Brasília: 2013.



“É inestimável o valor do exercício espontâneo da música na infância, uma música onde a palavra, a cantiga, o movimento e o outro se interligam na alegria do brincar.”

Lydia Hortélio

O brincar

O brincar tem sido cada vez mais valorizado como importante forma de se colocar no mundo, de lidar com a vida de maneira criativa e expressiva.

Empiricamente, todos nós sabemos que o brincar é a linguagem maior da criança, e ideias e teorias sobre a importância do jogo vêm ocupando cada vez mais espaço tanto em discussões informais e em periódicos quanto em debates educacionais e pesquisas acadêmicas.

O aumento da violência, a redução brutal dos espaços de convívio coletivo e a industrialização do brinquedo, com novas tecnologias de jogos eletrônicos, geraram enorme transformação no espaço do brincar. Porém, apesar de todos esses fatores, ao lado dos novos jogos virtuais, muitas brincadeiras cantadas, jogos de mãos ou jogos com regras ainda estão vivos, recriando-se e se transformando.



O brincar é uma forma de expressão do ser humano. Os formatos de brincadeira são diferentes, mas, no fundo, elas são as mesmas. As crianças continuam brincando de esconde-esconde, pega-pega como há décadas no interior, na floresta ou na cidade grande. A sagacidade e a perspicácia delas também são as mesmas, em quaisquer condições. Crianças obrigadas a trabalhar se viram para brincar, crianças sentadas na carteira da escola desesperadas para sair dali estão brincando na imaginação. (Friedmann, [s.d.]).

A conexão entre as brincadeiras e jogos com a educação vêm sendo, há muito tempo, objeto de interesse de educadores. Segundo Tizuko Kishimoto (2008, p. 61), desde a Antiguidade greco-romana, a importância do jogo já era assunto de debates:



Muitos educadores reconheceram a importância educativa do jogo. Platão em “As Leis”, destaca a importância do “aprender brincando” em oposição à utilização da violência e da repressão. Aristóteles analisa a recreação como descanso do espírito, na Ética a Nicômano e na Política. O interesse pelo jogo aparece nos escritos de Horácio e Quintiliano, que se referem às pequenas guloseimas em forma de letras, produzidas pelas doceiras de Roma destinadas ao aprendizado das letras. A prática de aliar o jogo aos primeiros estudos parece justificar o nome de *ludus* atribuído às escolas responsáveis pela instrução elementar, semelhante aos locais destinados a espetáculos e à prática de exercícios de fortalecimento do corpo e do espírito.

E assim, ao longo da história, autores como Rabelais (1494-1553), Montaigne (1533-1592), Comenius (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Froebel (1782-1852), Pestalozzi (1746-1827), Dewey (1859-1952), Montessori (1870-1952), Decroly (1871-1932), Hui-zinga (1872-1945), Claparède (1873-1940), Makarenko (1888-1939), Vygotsky (1896-1934), Winnicott (1896-1971), Piaget (1896-1980), entre muitos outros, vêm pensando sobre o papel social do jogo e sua importância no desenvolvimento humano.

Muitas dessas teorias confirmam que a brincadeira, apesar de todos os seus benefícios, deve manter sua característica de ser um fim em si mesma. Maria Isabel Leite (2002 apud Beineke, 2011, p. 24) nos adverte sobre o perigo da “pedagogização” da brincadeira:

Observando as crianças brincarem livremente, fica evidente a importância dessas atividades para o seu desenvolvimento, mas quando a brincadeira infantil é pensada do ponto de vista pedagógico, os seus usos são bastante distintos. Muitas vezes, essa ideia é transposta para o ensino de forma reducionista, colocando a brincadeira a serviço do desenvolvimento cognitivo, motor ou rítmico, entre outros. Assistimos então a uma “pedagogização” da brincadeira, quando ela perde seu caráter de experiência significativa, sendo reduzida a atividades dirigidas.



Para que esse brincar possa fluir no ambiente escolar, é importante que o professor receba em si mesmo o desejo de usufruir das brincadeiras, sentindo-se como um brincante que não apenas propõe, mas que também está atento aos momentos espontâneos em que as possibilidades lúdicas se apresentam, que se permita brincar junto com as crianças, e que contagie as crianças com seu desejo de se lançar aos desafios colocados pelos jogos.

O brincar na educação musical

Como músicos e educadores desenvolvemos especial interesse e gosto pelas brincadeiras cantadas tradicionais brasileiras e de outros países, pelos jogos de mãos espontâneos das crianças e pelos diversos tipos de brinquedos sonoros.

Na educação musical, que é nosso cenário cotidiano, os jogos corporais, as atividades lúdicas, as brincadeiras cantadas e as canções tradicionais ocupam um espaço de destaque, desde a difusão dos “métodos ativos” da primeira metade do século XX: Jacques-Dalcroze, Willems, Martenot, Orff, Kodály, entre outros, que valorizavam a vivência musical de forma lúdica e a partir do corpo, antes da técnica e da teoria.

No Brasil, a partir da década de 1940, esse novo pensamento ecoou nas ideias e práticas de Sá Pereira, Liddy Chiaffarelli, Gazzy de Sá, entre outros, embora tenham ficado restritas às escolas de música, pois o movimento do canto orfeônico de Heitor Villa-Lobos ocupava as escolas públicas, de modo geral. Esse movimento centrava-se no canto coral com o uso do folclore, o que também era uma premissa de alguns dos educadores musicais europeus. Afora isso, nada de importância nacional foi realizado em termos de política educacional para a música, o que fez com que a educação musical na escola pública andasse à margem da evolução que teve no cenário mundial. A chamada “segunda geração” de educadores musicais, que, inspirados na música de vanguarda do século XX, criaram propostas de trabalho que priorizavam a criação e a improvisação – que incluía nomes

como George Self, Ian Dennis, John Paynter, Murray Schafer, e, no Brasil, Hans-Joachim Koellreutter, entre outros, apesar de ter reverberado em diversos núcleos musicais especializados, não teve oportunidade de influenciar a educação musical na escola pública, a não ser de forma muito eventual e secundária em alguns projetos experimentais de arte-educação ou de artes integradas. Como afirma a educadora musical Marisa Fonterrada (2005, p. 10): “[...] após tanto tempo de ausência, perdeu-se a tradição; a música não pertence mais à escola e, para que volte, é preciso repensar os modos de implantação de seu ensino e de sua prática”.



Quer ler um pouco mais sobre alguns “mestres” brasileiros na área do brincar?

Visite os sites:

Instituto Brincante

<http://www.institutobrancante.org.br>

Casa Redonda Centro de Estudos

<http://www.casaredondacentrodeestudos.com.br/producoes.html>

Mapa do brincar/mestres

<http://mapadobrancar.folha.com.br/mestres/>

Temos consciência de que o processo de volta da música às escolas brasileiras é longo, mas é preciso começar. Reafirmamos o **brincar** como uma das possibilidades de aproximação da linguagem musical, lembrando que a música é, por si só, um jogo. O músico e pesquisador francês François Delalande (1995), em seu livro *La musique est un jeu d'enfant* (“A música é uma brincadeira de crianças”), relaciona aspectos centrais da prática musical, mesmo adulta, às formas de atividade lúdica infantil, a partir da referência piagetiana. Em síntese, o autor destaca o que a música tem de lúdico em sua própria essência. Acreditamos que o trabalho de música na sala de aula deve buscar possibilidades diversas de realização, integrando o corpo, o lúdico, a criação, o resgate da cultura da infância e um repertório que abarque as diversas músicas do mundo, tudo isso em um grande “caldeirão musical” que deve ser construído de forma significativa junto com as crianças.

Esse pensar, que já vínhamos construindo em nossas carreiras de músicos, educadores e de formadores de profissionais da educação musical, veio se concretizar e se transformar quando iniciamos nossa atuação à frente do Projeto Brincadeiras Musicais da Palavra Cantada, atuando junto a professores e coordenadores de diversas redes públicas de ensino.

A seguir descreveremos sinteticamente o projeto e as muitas inquietações que emergiram no decorrer do nosso contato com diferentes realidades educacionais encontradas nos municípios nos quais vimos atuando.

O projeto

A partir da valorização da brincadeira, foi criado o Projeto Brincadeiras Musicais da Palavra Cantada¹. Desde o princípio, a coleção foi concebida como um conjunto de brincadeiras, muitas delas inspiradas em brincadeiras tradicionais, criadas pela turma da Palavra



1. Parceria entre a Editora Melhoramentos e a Palavra Cantada, esse projeto compreende uma coleção com livros, CDs e DVDs e um programa formativo para professores e coordenadores, com ações presenciais e à distância.

Cantada que incluía, além da Sandra Peres e do Paulo Tatit, quatro músicos-brincantes – Júlia Pittier, Marina Pittier, Daniel Ayres e Estevão Marques, utilizando como base o repertório autoral da dupla e outras canções de seus CDs.

No livro da criança, buscamos tecer pequenos comentários para cada brincadeira, nas “falas” do personagem Professor Beleléu, com o objetivo de gerar alguma reflexão sobre diversos aspectos do mundo da música e conceituar elementos do fazer musical presentes nas brincadeiras.

No livro do professor, sugerimos inúmeras possibilidades de pensar e fazer música no ambiente escolar, para que o trabalho musical e o alcance dessas brincadeiras fosse ampliado e aprofundado. Nosso objetivo não foi criar um método fechado que determinasse conteúdos alinhados aula a aula, porém indicar possibilidades musicais a serem selecionadas e organizadas pelo próprio professor, de acordo com as particularidades de seu contexto educacional, pois acreditamos que cada aula é única e essa singularidade deve ser respeitada.

A diversidade de propostas musicais é uma característica da coleção, tanto em relação aos procedimentos – exploração sonora, imitação, criação, execução vocal e instrumental, apreciação, registro e reflexão – como em relação às possibilidades de ampliação do repertório musical a ser utilizado. Consideramos importante aproximar as crianças da diversidade musical brasileira ao lado das muitas músicas do mundo, o que pode ser a semente de um ouvinte adulto “aberto”. Desenvolver uma relação com a música livre de preconceitos possibilita uma atitude baseada em critérios de escolha próprios e não moldada em padrões musicais impostos.

Dessa forma, a coleção, com sua multiplicidade de propostas, poderia ser um primeiro passo para a concretização do desejo de toda equipe: contribuir com as redes de ensino na construção de um ambiente musical nas escolas.

Brincadeiras com copos

Apresentaremos três brincadeiras, com algumas possibilidades de desdobramento e realização de outros trabalhos musicais. As brincadeiras “ABC dos copos”, “Picopo” e “Copo cânone” devem também ser assistidas em vídeo para sua melhor compreensão. Elas estão disponibilizadas no *site*: www.projetopalavracantada.com.br. Acesse esse *site*, clique em “Galerias”, em seguida em “Vídeo” e, por fim, na brincadeira que quiser visualizar.

Escolhemos essas brincadeiras com copos como um exemplo das possibilidades de articulação entre as mesmas e propostas pedagógico-musicais. Vale relembrar que as brincadeiras possuem um valor por si só, como também as sugestões de trabalho musical disparados por elas podem e devem ser adaptadas, recriadas ou transformadas de acordo com cada realidade.

As brincadeiras com copos, como outras que utilizam objetos (pedras, lenços, saquinhos, etc.) estão presentes em diversas culturas. “Escravos de Jó”, por exemplo, que até hoje é conhecida em todo o Brasil, já vem sendo brincada há muitas gerações. Brincar com ritmo e copos, além de ser muito divertido, desenvolve a coordenação e aumenta a consciência rítmica.

Há brincadeiras que exigem coreografias bastante complexas. No momento da criação das brincadeiras para a coleção, percebeu-se que seria importante elaborar etapas dispostas numa seriação de dificuldades, possibilitando uma familiarização gradual com esse tipo de brincadeira com copos. Se o “universo” das brincadeiras com copos já é familiar a seus alunos, você pode propô-las, tranquilamente, mas, se sua turma nunca participou de brincadeiras desse tipo, você pode realizar algumas atividades preparatórias.

Algumas ideias:

- Explorar as diversas possibilidades sonoras do copo. Peça que as crianças descubram sons diferentes com os copos.
- Propor para uma criança que produza com os copos uma das possibilidades de sons encontrados na exploração sonora anterior, para que as outras, de olhos fechados, tentem adivinhar qual o modo de produção de som utilizado.
- Realizar, com as crianças, uma criação coletiva utilizando os sons pesquisados. Se possível, grave várias possibilidades e ouça com elas para que escolham a versão que acharem mais interessante. Lembrem-se de usar intensidades diferentes, crescendos e decrescendos, silêncios, alturas e diversas durações. Experimentem!
- Criar uma história “sonorizada” somente com sons dos copos. Uma ideia é apenas começar e cada criança inventa uma continuação. (Ex: “Um príncipe saiu a cavalo – copos batidos no chão – quando.... encontrou uma princesa que se coçava sem parar – raspando as unhas no corpo do copo – etc...)
- Realizar improvisações com os timbres dos copos. Uma improvisação bastante comum é utilizar a forma rondó. Escolham um motivo rítmico realizado com copos ou mesmo uma sequência de sons de copos amétrica para ser o refrão; este refrão deve ser tocado em tutti, isto é, todos ao mesmo tempo. O rondó segue da seguinte forma, sendo que a cada solo, uma criança deve improvisar utilizando sons explorados anteriormente:

Tutti / Solo 1 / Tutti / Solo 2 / Tutti / Solo 3 ...Tutti



Quer se inspirar com outras brincadeiras musicais?

Acesse, ouça, leia:

Jogo do Tum Pá – Grupo Musical Barbatuques
<https://www.youtube.com/watch?v=eVSrfdVf1Jw>

Lenga la Lenga – Viviane Beineke e Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas
<http://www.lengalalenga.com.br/>

Grupo Tiquequê
<http://www.tiqueque.com/>

Butiá – selo Papagayo Azul – Uruguay
www.butia.com.uy

O livro *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil* (Meirelles, 2007)

Os CDs de Lydia Hortélio: *Ô bela Alice* (Salvador: Casa das 5 Pedrinhas) e *Abra a roda tin dô lê lê* (São Paulo, Brincante)

Continue sua pesquisa, pois você encontrará muitos materiais disponíveis.



Crianças da EMIA - Escola Municipal de Iniciação Artística (SP)

1) ABC dos copos

Para começar, a disposição é a seguinte: o grupo de crianças sentadas em roda no chão ou em volta de uma mesa e com um copo de plástico duro ou uma lata cada uma. A brincadeira é como “siga o mestre”. O professor ou uma criança “comanda” os gestos com palavras como: “pega copo”, “vira copo”, “passa copo” e outros comandos, como os que você pode ver no vídeo ou outros inventados e convencionados com seu grupo. A turma imita logo em seguida sem perder o ritmo.

Essa é uma brincadeira muito util para entrar no “mundo dos copos”!

E o que “mundo dos copos”?

São as várias maneiras de passar o copo, virar o copo, bater o copo e outras manobras que podem ser usadas em muitas músicas.

Com esse repertório, você poderá inventar suas próprias brincadeiras!

Nesta brincadeira quando a gente fala “tá-tundum-dum”, o som das palavras ritmadas nos ajuda a tocar melhor.

Muitos músicos, quando aprendem a tocar um ritmo novo, nos seus instrumentos, treinam esse ritmo com palavras.

Assim eles decoram mais facilmente o que deve ser tocado.

Numa escola de samba, quem toca tamborim pode, por exemplo, treinar falando palavras como “tele-teco”.



Pega copo

PE - GA CO(PO) palma pega bate PAS - SA CO(PO) palma pega passa...etc...

A seguir, citamos algumas possibilidades de desdobramento musical dessa brincadeira:

- Realizar um jogo de imitação em que você faz o gesto ou o ritmo com o copo e as crianças imitam em seguida. Utilize os quatro movimentos propostos pela Julia no DVD: TÁ TUM DUM / PASSA COPO / VIRA COPO / TÁ TUDUM DUM. Repita várias vezes cada um deles, até as crianças dominarem o movimento.
- A partir da brincadeira acima, você pode propor a criação de uma sequência de palavras ritmadas para serem tocadas. Brinque com essa transferência de ritmos da voz para o copo.
- Vocês podem construir uma “bateria” de copos de tamanhos e materiais diversos.

Essas palavras de apoio ou comandos verbais – “pega copo”, “passa copo”, vira copo”, etc. – são bastante úteis para facilitar a execução e apoiar ritmicamente a aprendizagem dos gestos, além de serem úteis também em trabalhos de educação musical.

Esse tipo de estratégia para memorizar e facilitar a execução de ritmos é muito utilizado pelos percussionistas e pode se tornar também ótima opção para a sala de aula. É possível absorver a música por várias frentes simultâneas: imitação, leitura, audição, invenção, exploração, reflexão, enfim, diversas maneiras de contato com essa linguagem. Esse leque de opções, além de proporcionar muitas possibilidades para basear seu planejamento, constitui mais um instrumento para você conhecer as aptidões individuais de cada aluno, permitindo-lhe perceber quais as atividades com que cada criança mais se identifica.

Se o percussionista toca mais de um instrumento ao mesmo tempo (um set), ou se seu instrumento emite muitas notas diferentes (como a tabla indiana, por exemplo²), o apoio vocal pode ser de grande auxílio. Assim, a palavra serve também para definir quais das diferentes alturas sonoras devem ser usadas.

A seguir, sugerimos atividades de criação rítmica com o uso de alturas diferentes, abrindo possibilidades de improvisação de frases rítmico-melódicas criadas pelos alunos.

- Assistir com as crianças alguns vídeos que mostrem essa relação de palavras para auxiliar a execução instrumental. É interessante instigar as crianças para que comentem sobre o que viram e perceberam no vídeo.
- Vocês podem explorar vocalmente dois sons, como o agudo KE e o grave TUM³, e inventar ritmos com a voz. Não se esqueçam de fazer a voz aguda no KE e grave no TUM.
- Após essa exploração vocal livre, o grupo pode criar coletivamente uma música a partir das descobertas que mais gostaram. Você, professor, pode ajudá-los na articulação desses ritmos e melodias, abrindo possibilidades de intensidade (forte-fraco), de dinâmica (crescendo e decrescendo, ralentando e apressando, etc.), solos e tutti. É muito proveitoso gravarem e ouvirem, pois assim vocês podem ir descartando os momentos que não gostaram e mantendo e organizando melhor os momentos que acharam mais interessantes.



2. Apenas como ilustração, veja o aprendizado de tablas indianas com o apoio vocal no link do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=ASxEJ81InBw>.

3. O grupo Barbatuques realizou o Tum-Pá, que trabalha exatamente com essa ideia de oposição de grave (Tum) – agudo (Pá). Você pode assistir em: <http://www.youtube.com/watch?v=370P-S0e9dY>.

2) Picopo

Picopo é a mesma brincadeira anterior, porém a música que dá o pulso aos comandos é a canção Pipoca. A disposição também é a mesma: o grupo de crianças sentadas em roda no chão ou em volta de uma mesa e com um copo de plástico duro ou uma lata cada uma.

É importante manter o pulso da música para acompanhar os comandos do “mestre”: “pega copo”, “vira copo”, “passa copo” e outros comandos, como os que você pode ver no vídeo ou outros inventados e convencionados com seu grupo.

Existem diversas possibilidades de desdobramento da brincadeira, como trazer para seu grupo propostas: de pesquisa sonora, de interpretação com outras canções ou parlendas e de criação com copos e mesmo jogos de mãos, que são um rico repertório a ser explorado, tanto da cultura brasileira como de diversas outras culturas do mundo.

A seguir, algumas ideias:

- Selecionar com as crianças gravações de algumas músicas. Seria interessante que tivessem andamentos diferentes, isto é, umas mais rápidas e outras mais lentas.
 - Ouvir as gravações, acompanhando com palmas ou batidas de pés no pulso da música, isto é, seguindo o “tempo”.
 - Perceber as diferenças entre elas.
 - Realizar a brincadeira “Picopo” com cada uma delas e comparar se os andamentos ou outras característica de cada uma dificulta ou facilita a execução.
 - Ouvir a música Fome come, do CD Canções Curiosas, da Palavra Cantada (1998) e perceber como pode ficar bom um acompanhamento rítmico feito com copos.
 - Criar acompanhamentos diferentes para outras canções.
- Reparou que o som fica diferente quando você bate o copo na mão ou na mesa?

O som também é diferente quando você bate com a mão na base, na lateral ou na boca do copo.

Muda também se o copo for de plástico, vidro ou metal.

Assim como os objetos, os instrumentos musicais são feitos de diferentes materiais, formas, tamanhos, e a maneira como são tocados muda a “cara” do som, o TIMBRE do som.



3) Copo cânone

“Copo cânone” é uma brincadeira em forma de cânone. Pode ser realizada em duas duplas, como no vídeo ou em dois grandes grupos. Pode ser feita em uma roda no chão ou em volta de uma mesa e cada um dos brincantes deve ter um copo de plástico duro ou uma lata na mão. Todos cantarão a mesma melodia acompanhada de uma sequência de movimentos com o copo, porém as duplas ou os grupos estarão defasados no tempo em relação um ao outro. Para isso, um grupo ou dupla começará primeiro e o segundo grupo ou dupla depois.

Cânone é uma importante forma musical, presente em músicas de diversos lugares do mundo. Nessa brincadeira existe uma dificuldade a mais: realizar o cânone cantando e tocando ao mesmo tempo.

O desafio de conseguir cantar sua melodia sem se perder com a entrada dos outros grupos que começam a cantar é bastante motivador. Antes de realizar a brincadeira com sua turma, seria interessante planejar uma preparação. Sugerimos algumas etapas:

- Aprender a canção *Uma era* ou outra canção que possa ser cantada em cânone, de forma que todos os alunos consigam cantá-la com muita fluência e de memória.
- Assistir ao vídeo dessa brincadeira e perceber em qual momento entra o segundo grupo, ou “segunda voz”.
- Cantar em cânone dividindo a classe em apenas dois grupos.
- Depois que conseguirem realizar o cânone a duas vezes, isto é, em dois grupos, com bastante segurança, acrescentar mais um grupo ao cânone, a terceira voz.
- Aproveitando o envolvimento com essa forma musical, pesquisar no próprio repertório do grupo outras músicas que soem bem em cânone e escolher as que preferirem para cantar.
- Aprender a frase rítmica feita na brincadeira “Copo cânone” – se necessário, por partes. Essa fase pode levar algum tempo, mas o desafio é bastante motivador. Muitas vezes falar os comandos enquanto faz o movimento pode ajudar bastante. Comece bem devagar e por partes, por exemplo:



2 Palmas – TA TA

TA TA TA TUM DUM

TA PEGA BATE

TA PEGA* BOCA FUNDO ESQUERDA DIREITA BATE

* (POSIÇÃO DE VIRAR O COPO)

- Depois que todos os alunos conseguirem realizar a frase com os copos no andamento e com fluência, propor o desafio de realizá-la em cânone apenas com o ritmo nos copos, sem o canto.
- Por último, acrescentar o canto e realizar o cânone cantando e tocando ao mesmo tempo, como no vídeo.

Essa brincadeira pode ser o estímulo inicial para o desenvolvimento de diversas ativi-

dades relativas às diferentes formas musicais. A percepção da forma musical pode ser realizada com audições comentadas, mas também com exercícios anteriores à compreensão intelectual, utilizando, por exemplo, movimento corporal.

Selecione músicas nas quais a forma esteja bem evidente, isto é, com diferenças claras entre as partes. Pode ser uma boa opção começar por músicas curtas e também pelas formas mais clássicas, como a binária (duas partes: A B), a ternária (três partes: A B A ou A B C, etc.), o rondó (uma parte sempre repete sendo alternada por partes diferentes: A B A C A D A...).

Algumas sugestões:

- Colocar a música e propor que as crianças se movimentem livremente.
- A mesma atividade, mas pedindo que elas tentem mudar os movimentos quando perceberem que mudou de parte, ou seja, que é a mesma música, mas com elementos diferentes. Por exemplo, ouvindo um rondó: a cada vez que voltar o refrão realiza-se o mesmo movimento, e um movimento diferente em cada uma das partes variadas.
- O mesmo pode ser feito com os copos: movimentos combinados em cada parte ou um movimento convencionalizado no refrão e improvisações individuais nas partes variadas.
- Após as atividades corporais, você pode conduzir uma audição comentada para fixar a percepção da forma, intelectualmente.

Saindo a campo

Como todo projeto, partimos de sonhos, ideias, desejos, mas foi na situação real, na aplicação prática, que os encontros e desencontros se fizeram presentes e nos incitaram a transformar sonhos em realidade.

A partir da elaboração de um programa formativo calcado no material, nossa equipe organizou ações presenciais e a distância junto a grupos de coordenadores e professores selecionados pela rede de ensino para atuarem como multiplicadores em suas unidades escolares. O contato com esses professores tem nos mostrado muito da situação da música nas diversas cidades em que estamos atuando e são as reflexões que emergiram dessa experiência que compartilharemos a seguir.

Como implantar um currículo oficial de música se não temos número suficiente de professores de música disponíveis para as redes públicas de ensino?

Esse problema, encontrado na maioria dos municípios, não se resolverá a curto prazo, pois implica uma reformulação dos cursos de licenciatura nas faculdades de música, incorporando em seus cursos uma prática e um pensar que viabilizem a formação específica dos futuros professores de música para as redes públicas de ensino. E, mesmo com a presença do professor especialista, o que só se resolveria a médio ou longo prazo, é desejável uma mobilização de toda a comunidade escolar, para que a música tenha seu espaço garantido na escola.



Faz-se necessário, também, uma melhoria na situação do profissional de educação, pois as condições das escolas públicas atuais, sejam estruturais ou econômicas, não se apresentam como um campo de atuação promissor para o profissional da música, que encontra melhores condições, mesmo que não ideais, fora do serviço público.

Quais as possibilidades de contribuição dos professores não especialistas (generalistas, de educação artística, de educação física, etc.) para o fazer musical na escola?

É fato que os professores, em geral, têm pouca formação musical. No entanto, se por um lado há uma insegurança natural dos mesmos em se envolverem com o trabalho musical a ser desenvolvido na escola, por outro lado encontramos em muitos profissionais uma grande disponibilidade para resgatar em sua própria história o brincar, o cantar, o fazer musical espontâneo e outras aproximações mais ou menos aprofundadas com a linguagem musical.

Da mesma forma que os pais podem abrir o mundo da música para seus filhos, muito pode ser feito por esses professores “leigos” em música, sejam brincadeiras musicais, explorações de objetos sonoros, apreciação musical, trabalhos com música e movimento, sonorização de histórias e tantas outras possibilidades de aproximação com o universo musical, que é repleto de muitas músicas, preparando seus alunos para uma educação musical especializada.

Observamos que, a partir do contato com o material e com os encontros presenciais com nossa equipe formativa, muitos professores se mostraram disponíveis a “arregaçar as mangas”, e temos certeza que a colaboração desses profissionais poderá ser essencial para a construção desse longo caminho que ainda temos que percorrer para a implantação da música na escola brasileira. É claro que a contribuição desses profissionais não pode ser igual à de um professor especialista em música, e as expectativas devem ser dimensionadas de acordo com as suas possibilidades.

Qual a o papel das instituições de educação pública no processo de implantação da música na escola?

O Brasil é muito grande e suas cidades possuem redes de ensino muito diferenciadas e contextos únicos. Pensar no particular e no todo deveria constituir-se uma preocupação dos órgãos federais responsáveis, em grande parte, pelas orientações gerais para a aplicação da Lei 11.769/08 (Brasil, 2008). Em paralelo, cada rede de ensino também precisaria se mobilizar para pensar a música dentro de sua própria estrutura e realidade.

Ao iniciarmos os programas formativos em diversos municípios, percebemos uma potencialidade de renovação da cena musical na escola. A obrigatoriedade legal gerou uma agitação nas redes públicas, que começaram a buscar caminhos para se adaptar à lei, porém diversos obstáculos tiveram que ser superados.

Entre as dificuldades encontradas para a implantação do Projeto Brincadeiras Musicais da Palavra Cantada, podemos citar: problemas de comunicação entre equipe técnica, coordenadores e professores; falta de infraestrutura, desorganização na distribuição dos materiais adquiridos pelas redes, entre outros.

Em alguns municípios, porém, encontramos professores e coordenadores muito disponíveis, e equipe técnica se esforçando ao máximo para viabilizar uma boa estrutura necessária para a realização do programa formativo. Em alguns deles, inclusive, conseguiram criar uma equipe de tutores, com alguns professores formados em música, para acompanhar a posterior ação dos professores “leigos” nas suas unidades escolares.

Esses fatos positivos nos deixaram esperançosos diante de uma realidade complexa e nos mostraram que é possível começar um processo de implantação da música nas escolas brasileiras.

Palavras finais

Desde os meses de elaboração que antecederam a publicação da Lei 11.679/08, que determina que os conteúdos musicais da área de artes passem a ser obrigatórios em toda a educação básica do país, muitas inquietações e debates emergiram por todo o Brasil. Hoje, quatro anos depois de sua publicação, ainda restam muitas dúvidas e inseguranças em relação à sua aplicação. É urgente se pensar formas de implantação com etapas a curto, médio e longo prazo para que, realmente, possamos garantir que a música volte a ocupar um lugar de importância no currículo oficial das escolas brasileiras.

Com certeza, a superação da problemática do ensino musical brasileiro, causada por mais de 40 anos de um “silêncio musical” nas redes públicas de ensino, somente poderá ser alcançada por um trabalho conjunto entre instâncias governamentais, escolas, universidades, educadores musicais e a própria sociedade.

Não existem fórmulas especiais e mágicas que deem conta de todas as realidades encontradas pelos professores nas muitas e muitas salas de aula. Acreditamos, fundamentalmente, na importância da música na vida das pessoas, nas crianças, no professor e na relação significativa que pode ser construída no espaço da sala de aula entre professor, alunos e música.





Crianças da EMIA - Escola Municipal de Iniciação Artística (SP)

Foto: Bia Boarato

A música é uma das linguagens essenciais do homem e isso é motivo mais que suficiente para justificar a sua presença no contexto de uma educação que vise a formação integral das crianças.



Referências

BEINEKE, V. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. *Música na Educação Básica*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 8-27, set. 2011.

BRASIL. *Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11769-18-agosto-2008-579455-publicacaooriginal-102349-pl.html>>. Acesso em: 10 set. 2012.

DELALANDE, F. *La música es un juego de niños*. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1995.

FONTEERRADA, M. T. de. *De tramas e fios*. São Paulo: Unesp, 2005.

FRIEDMANN, A. *Brincar na linha do tempo*. *Mapa do brincar*, [s.d.]. Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/mestres/adrianafriedmann/>>. Acesso em: 29 maio 2013.

KISHIMOTO, T. M. *Brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira; Thomsom Learning Editores, 1998.

MEIRELLES, R. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

PALAVRA CANTADA. *Canções curiosas*. São Paulo, 1998. 1 CD.

Bibliografia complementar:

BRITO, T. A. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

FRIEDMANN, A. *O direito de brincar*. São Paulo: Scritta; Abrinq, 1992.

_____. *Jogos tradicionais*. Série Idéias, São Paulo: FDE, n. 7, p. 54-61, 1995.

GAINZA, V. H. de. *Pedagogía musical: dos décadas de pensamiento y acción educativa*. Buenos Aires: Lumen, 2002.

HORTÉLIO, L. *Cultura da alma*. *Mapa do brincar*, [s.d.]. Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/mestres/lydiahortelio/>> Acesso em: 29 maio 2013.

KATER, C. *Por que música na escola?: algumas reflexões*. In: ALLUCCI, R. R. et al (Org.). *A música na escola*. São Paulo: Ministério da Cultura; Vale, 2012. p. 42-45.

Ilustrações: Tatiana Paiva.

Foto: Bia Boarato - Crianças da EMIA - Escola Municipal de Iniciação Artística (SP)